"Você vem aqui com frequência?"
"Eh... com frequência suficiente, eu acho."
"Aposto que uma xícara disso te aqueceria rapidinho."
Planejando o Feriado com Adachi

O QUE É O NATAL? Qual é o significado do Natal? O Natal tem regras? Como é um Natal "feliz"? O que é "a magia do Natal"? E quanto devo me preocupar com isso?

Decidi respirar fundo e me acalmar.

Dois dias se passaram, e enquanto eu esperava que minha febre diminuísse em algum momento, ela só piorava. Eu estava muito animada para passar um feriado importante com a Shimamura, mas também acho que parte de mim estava simplesmente radiante porque, pela primeira vez na minha vida, algo tinha acontecido do jeito que eu queria. Um tornado de emoções girava no meu peito, mas eu só estava oferecendo resistência simbólica.

Para ser honesta, eu estava gostando dessa dificuldade... até mesmo no trabalho.

Minha cabeça estava cheia de neve, enfeites e luzes — tanto que até esqueci de puxar a barra do meu cheongsam. Se eu não tivesse cuidado, tinha medo de começar a pular ao redor da área de jantar do estabelecimento.

E quando chegava em casa, girava o ombro, então levantava ambas as mãos até o teto, dedos esticados. Em seguida, eu fechava os punhos e olhava para eles, sentindo uma estranha sensação de realização. Eu fazia isso várias vezes por noite. Depois, olhava para a neve caindo do lado de fora da minha janela do quarto e sentia uma onda de alegria. *Por que eu estava tão eufórica?* Estava agindo como uma criança.

Infelizmente, ainda não havia encontrado uma cura para as preocupações que me assombravam. A mais imediata dessas preocupações era a iminente tarefa de planejar nossa agenda para o grande dia. Fui eu quem sugeriu que saíssemos juntas, então era minha responsabilidade, mas... eu realmente não sabia o que as pessoas costumavam fazer no Natal. Na minha experiência, a resposta era "nada", mas isso não iria funcionar. Eu precisava fazer alguma pesquisa.

Por isso, comprei uma revista com as palavras "Ideias de Encontros no Natal" impressas na capa. Infelizmente, ela não tinha as estatísticas de popularidade que eu estava procurando. *Como eu deveria descobrir quais eram os lugares de encontro mais populares?* Quero dizer, não que nós estivéssemos indo a um encontro, propriamente dito.

No entanto, a revista sugeriu ir ao cinema, argumentando que era um local sem ameaças, e depois teríamos algo em comum para conversar: nossa opinião sobre o filme em questão. Fazia todo o sentido para mim. Meu problema, porém, era que eu não podia ter certeza se a Shimamura gostava de filmes. Ela nunca falava sobre si mesma, então eu não tinha uma boa ideia do que ela gostava.

Sendo sincera, provavelmente era estranho que eu me sentisse... bem, sentisse coisas... por alguém que mal conhecia. Por outro lado, talvez isso fizesse parte do fascínio. Eu queria saber mais sobre ela porque... hm... sentia coisas.

A revista também sugeriu fazer uma festa em casa para duas pessoas, "um jantar divertido e relaxante em um ambiente confortável". Isso parecia mais de acordo com nossos interesses, mas... *faríamos isso na casa de quem?* Eu não queria a Shimamura no meu quarto, nem queria a família dela invadindo nossa festa. Não, precisávamos ir a algum lugar da cidade.

Isso era possivelmente o máximo que já havia me angustiado em toda a minha vida. Era até mais estressante do que meus exames de admissão no ensino médio. Havia uma série de outras preocupações menores também, como o que vestir. *Deveria comprar uma roupa nova para a ocasião? O que a Shimamura gostaria de me ver vestindo?*

"Sem distrações!"

Nesse exato momento, minha gerente surgiu do nada, me repreendendo com uma dança engraçada. Ela sempre parecia ter energia de sobra. Ao contrário do chef que trabalhava na cozinha, no entanto, ela parecia não conseguir pegar o jeito da conjugação verbal, e seu sotaque ainda era forte. De alguma forma, tive a sensação de que sua posição em relação à língua japonesa era "enquanto as pessoas puderem me entender, está bom o suficiente". Fazia sentido para mim, sinceramente.

A gerente e o chef eram presenças constantes aqui neste restaurante de "Cozinha Neo-Chinesa" (eu também não entendo), mas nos dias em que nossos anúncios ou cupons eram impressos no jornal, alguns funcionários de plantão sempre apareciam do nada, aparentemente, para ajudar a lidar com o movimento.

Naturalmente, todos eles eram taiwaneses. E sempre que algum outro restaurante taiwanês precisava de ajuda extra para uma grande reinauguração ou algo do tipo, essas mesmas pessoas apareciam lá também. Aparentemente, todos os imigrantes taiwaneses se conheciam. Mas, embora pudesse fazer sentido compartilhar seus funcionários de plantão, eu desejava que esses restaurantes não tivessem todos o mesmo menu duplicado. Aqui, um pedido de guioza não se parecia com a imagem. Sua forma era diferente e não vinha com tantas unidades.

Não havia clientes, então minha gerente continuou dançando. Então, me ocorreu perguntar: "Tudo bem se eu folgar no Natal? Você sabe, no dia 25?"

Normalmente essa mulher sempre parecia estar meio adormecida, mas não dessa vez. Seus olhos brilhavam. "Você vai sair em um encontro?"

"Não... exatamente..."

Aquela foi uma maneira estranha de explicar — *eu estava tentando sugerir que era parcialmente um encontro, ou o quê?* Por outro lado, se o objetivo de um "encontro" fosse se divertir e conhecer alguém por quem você estivesse interessado, então talvez, nesse sentido, fosse meio que um encontro.

Eu e a Shimamura, saindo em um encontro. A ideia era o bastante para ferver meu cérebro. E se eu estava tão nervosa apenas com o conceito, então talvez fosse hora de admitir que eu de fato via nosso rolê como um encontro.

Mas quanto mais eu me focava nisso, mais humilhada me sentia... até que eventualmente comecei a desejar nunca tê-la convidado.

***

No dia seguinte, eu fiquei distraído na aula até o toque do intervalo de almoço. No próximo momento, eu estava andando sem rumo pelos corredores. Confusa e alarmada, virei-me e olhei para trás, na direção de onde tinha vindo. *Será que eu tinha seguido inconscientemente a Shimamura como uma menina suíça saudosa das montanhas?* Se fosse o caso, certamente não a via em lugar algum. *Meu Deus, e se ela me viu sair da sala de aula como um zumbi?*

Então, me perguntei: *Em qual andar estou?* Olhei pela janela e, pela vista, concluí que devia estar no segundo andar. Isso deixava uma última pergunta: *Vou para a cantina ou retorno para a sala de aula?*

Parecia que eu acabara de me pegar sonâmbula. Isso era levemente preocupante, considerando que o prédio da escola tinha muitas escadas onde eu poderia cair e quebrar o pescoço. Daqui para frente, devo tentar restringir todas as distrações ao primeiro andar... Acho que isso é mais fácil de falar do que fazer.

Enquanto eu debatia se avançava ou recuava, um rosto familiar passou por mim. Ela me notou olhando para ela e virou-se, seus cabelos compridos balançando com seus movimentos. Era a Hino.

"Oi, Ada-cheechee! O que você está fazendo parada aí? Se sentindo tonta?"

"Não, estou bem."

"Ah, você está esperando a Shimamura?"

Infelizmente, não, também não é isso. "Não exatamente," murmurei baixinho.

Naquele momento, percebi que a outra metade da Hino não estava em lugar algum. Eu esperava que ela aparecesse.

"Não é sempre que te vejo andando sozinha também. Onde está, hm, a Nagafuji?"

"Como é...?!"

Hino olhou em volta rapidamente. *Será que ela não tinha percebido até agora?*

"Você está certa... Ela não está aqui! Ela quase nunca me perde de vista!"

O que você é, o poste indicador dela? Imaginei Nagafuji vagando para longe ao pôr do sol. Não parecia certo. Então, imaginei ela vagando para longe em uma loja de doces. Ok, agora entendi.

"Bem, tenho certeza de que ela vai aparecer na cantina eventualmente. É melhor eu pegar uma mesa para nós."

Ela parecia confiante no instinto de orientação de Nagafuji, mas eu não tinha tanta certeza. No momento em que Hino estava prestes a se afastar, no entanto, ela parou de repente e me chamou.

"Quer almoçar com a gente, Adatsy?"

"Quem, eu?"

"Você vê alguma outra Adachi-san parada aqui? De qualquer forma, eu só imaginei que você já estava indo para lá."

Ela me lançou um sorriso brilhante. Com sua estatura baixa e personalidade franca e desinibida, ela parecia mais uma irmãzinha do que uma colega... mas eu sabia que ela provavelmente ficaria brava comigo se eu dissesse isso em voz alta, então eu não disse.

"Ok então, vou junto."

Vendo que ela talvez tivesse as respostas para minhas perguntas, decidi acompanhá-la. *Seria essa a primeira vez que saíamos juntas sem a Shimamura?* Pensando bem, sim, era mesmo. Na verdade, era a primeira vez que eu saía na escola com alguém que não fosse a Shimamura. *Por quê?* Porque nunca senti o desejo de estar perto de ninguém. Quanto ao motivo disso, bem... decidi não revirar o passado. Não tinha espaço no meu cérebro para mais preocupações. Agora, a metade direita era dedicada à Shimamura e a metade esquerda estava reservada para o Natal. Chique, eu sei.

"Isso me lembra... acho que a Shimamura ou alguém me disse que você tira boas notas em inglês. Isso é verdade?"

Quem mais falaria sobre mim se não a Shimamura? Pensando bem... por que a Shimamura falaria sobre minhas notas? Essa era a pergunta mais urgente.

"Eu não diria boas, na verdade. Apenas, sabe, não ruins. Médias," respondi modestamente.

"Interessante," ela refletiu, como se estivesse impressionada por alguma razão insondável. Isso foi seguido por um alegre "Hello!" em inglês. Deveria ter previsto isso.

"Uh... Hello," eu repeti de volta, sorrindo levemente. Eu tinha 100% de certeza de que ela acabara de soltar a primeira palavra em inglês que veio à mente. Ela era como uma criança... de uma boa maneira, quero dizer. E não por causa da altura.

Um silêncio caiu entre nós.

Estranhamente, sempre que a Shimamura não estava por perto, eu de repente não me importava tanto com a Hino e a Nagafuji. Nada contra a Shimamura, é claro — não é como se ela fosse um obstáculo ou algo do gênero. Na verdade, talvez eu estivesse invertendo as coisas. Sempre que elas estavam por perto, sentia como se houvesse uma parede entre mim e a Shimamura. Elas eram o obstáculo.

Eu sabia que elas não eram pessoas ruins, e eu até que gostava delas... mas eu não era capaz de me importar com elas da mesma maneira que me importava com a Shimamura. *O que fazia a Shimamura tão especial?* Eu não sabia. Mas mesmo que a resposta fosse apenas "porque eu gostava mais dela", eu ainda não conseguia explicar exatamente por que gostava mais dela. O amor nem sempre vem com explicações racionais anexadas.

Juntas, eu e Hino fomos pelo corredor até a entrada da cantina. O vento de inverno soprava entre os prédios, transformando cada passagem coberta em uma zona ártica. Uma fila se formara na máquina de tickets de refeição na entrada, e todos estavam tremendo de frio. Você pensaria que a escola receberia muitas reclamações sobre essa localização específica, e ainda assim nunca mostraram sinais de querer realocá-la.

Nós duas nos juntamos ao final da fila e nos amontoamos juntas para nos aquecer. Enquanto esperávamos, peguei meu celular e o verifiquei. Normalmente, isso era algo que eu fazia mais por tédio do que qualquer outra coisa, mas desta vez eu tinha um bom motivo: verificar se havia algum e-mail da Shimamura. Afinal, era possível que ela mudasse de ideia sobre sair, a qualquer momento. Felizmente, minha caixa de entrada estava vazia. Suspirei aliviada.

Nada na vida era garantido. Às vezes, as coisas simplesmente não funcionavam. Então, tudo o que eu podia fazer era rezar para que tudo corresse conforme o planejado. *Havia algo que eu poderia usar como moeda de troca?* Eu mal interagia com as pessoas, então nunca tive a oportunidade de ajudar alguém. Talvez eu devesse me esforçar para fazer pelo menos uma boa ação para que o Papai Noel me coloque na lista dos "bonzinhos".

Eventualmente, cheguei à frente da fila. Eu queria algo para me aquecer, então comprei um ticket de refeição de rámen.

"Acho que vou pegar a mesma coisa," comentou Hino para si mesma, e, com certeza, ela comprou um também.

O rámen da cantina estava decorado com uma guarnição de redemoinhos brilhantes cor-de-rosa, algo que não via com tanta frequência em restaurantes nos dias de hoje.

"Você tem algum hobby, Ada-chee?" perguntou Hino enquanto estávamos na segunda fila dentro do balcão para trocar nossos tickets de refeição.

"Não muito." Esta foi a mesma resposta que dei para a Shimamura quando ela me perguntou, e ainda era tão entediante quanto era naquela época. Mas era a pura verdade, então ela teria que aceitar. Não fazia sentido inventar algo para tentar parecer legal. Nem poderia dizer a ela que meu hobby era a Shimamura.

"Ah, o mesmo que a Shimamura, então."

Meu coração deu um salto quando Hino mencionou a pessoa que eu estava pensando. Então as palavras afundaram, e suspirei aliviada internamente. *Não, ela não tinha lido minha mente.* Lentamente, refleti sobre o que ela disse. *Igual à Shimamura...*

"Oh, o que é esse sorriso? Reminiscência ou algo assim?" perguntou Hino, olhando para mim. Então percebi que minha alegria deve ter se mostrado no meu rosto e comecei a entrar em pânico.

"Uh... nada!" acenei com a mão de forma displicente.

Se a Shimamura tivesse me visto sorrindo para mim mesma agora, ela provavelmente pensaria que eu era esquisita. Por outro lado, pelo menos isso provaria que eu não era uma "tábula rasa", como minha mãe sempre afirmava.

Depois de pegarmos nosso rámen, nos sentamos uma em frente a outra na ponta de uma mesa próxima. A cantina estava lotada, então havia poucos assentos disponíveis. Hino colocou um lenço sobre o assento vazio ao lado dela

— provavelmente guardando-o para a Nagafuji, se eu tivesse que adivinhar. *E se a Shimamura aparecesse?* Olhei ao meu lado, mas o assento já estava ocupado.

Então Hino juntou as palmas das mãos para fazer uma oração, e eu fiz o mesmo. Depois que terminamos, observei enquanto ela pegava seus hashis e levantava uma garfada de macarrão da tigela. Agora que estava prestando atenção, percebi que ela era realmente muito elegante em seus movimentos. Isso foi uma surpresa, considerando que ela tinha uma personalidade tão despreocupada. Talvez seus pais fossem rigorosos com ela ou algo do tipo.

"Então, sabe..."

"Hmm?"

Mastigando um bocado de broto de feijão, Hino olhou para cima, a ponta do nariz molhada com o caldo. Eu pausei por um momento e então fiz a pergunta que estava em minha mente. "Você sabe do que a Shimamura gosta?"

Afinal, não dá para ter Natal sem presentes. Foi a primeira coisa que me veio à mente quando ouvi a palavra. Mesmo que a Shimamura não me desse nada, ainda queria dar algo para ela. O desejo estava enraizado em mim.

"Não sei... Não tenho certeza se ela gosta de alguma coisa," respondeu Hino, pensativa.

Entendi. Ambas voltamos nossa atenção para o rámen.

Depois de outra mordida no broto de feijão, Hino deu um gole d'água e cruzou os braços em contemplação, os hashis ainda na mão. "Ela não é o tipo de pessoa que fala sobre si mesma, sabe?"

"Sim, eu sei." Eu poderia perguntar diretamente a ela, mas seria estranho, e ela provavelmente não me contaria. Por isso estou te perguntando. "Você já foi fazer compras com ela alguma vez?"

"Bem, claro, algumas vezes. Já fomos à livraria, e... Ah, é verdade. Uma vez fomos dar uma olhada na loja de chás."

"A loja de chás?"

"Sim. Eu estava resolvendo algo e a Shimamura foi junto... Ah, sim, e acho que ela disse que um dos chás tinha um cheiro muito bom. Era chá preto ou chá verde...?"

"Interessante. Então ela gosta de chá?"

Talvez isso fosse um bom presente de Natal — algo prático em vez de sentimental. Dessa forma, a Shimamura não se sentiria desconfortável em aceitá-lo. Mas, acima de tudo, eu queria que fosse algo que ela realmente gostasse.

"Você consegue lembrar o nome da mistura ou algo assim?" Eu pressionei.

Hino colocou seus hashis de lado e então cruzou os braços novamente. "Me dá um minuto... Droga, o que era? Definitivamente não era chá de cevada... Em que prateleira estava? Droga, não consigo lembrar... Sinto que o nome está na ponta da minha língua. Talvez eu lembrasse se visse."

"Então... você quer... ir comigo procurar?"

Eu nem sabia por onde começar a procurar, então ela era minha única esperança se eu quisesse encontrá-lo. Normalmente, nunca pediria isso a ela, já que eu não gostava muito de passar tempo com ninguém que não fosse a Shimamura, mas tempos desesperados exigiam medidas desesperadas.

"Hmmm." Hino olhou ao redor por um momento. "Não deveria ir com a Shimamura e deixar ela escolher para você?"

Fiquei em silêncio. Admito que era a conclusão lógica, mas agora não era hora de estar pedindo mais uma coisa à Shimamura que não fosse um encontro. Além disso, assim que eu pedisse a ela, ficaria dolorosamente óbvio o que eu estava tentando fazer, e a ideia era humilhante.

"Ah, entendi," Hino assentiu, como se tivesse intuído algo. "Nesse caso, claro, eu vou com você."

Exatamente como ela tinha escolhido interpretar meu silêncio, eu não tinha certeza, mas de qualquer forma, ela deve ter percebido que eu queria manter isso em segredo da Shimamura.

"Ok. Obrigada."

"E que tal hoje depois da escola? A loja de chá fica no shopping."

"Ah, hum... claro."

Em uma cidade tão rural como esta, os locais de encontro eram naturalmente limitados. No nosso caso, nossas opções eram o shopping ou a praça da estação. No Natal, eu tinha a sensação de que a Shimamura e eu provavelmente acabaríamos no shopping. Era o lugar mais chique que essa cidade interiorana tinha a oferecer.

Ainda assim, a ideia de sair pela cidade com a Hino me deixava nervosa, embora não da mesma maneira que estar com a Shimamura.

"O aniversário dela está chegando?"

"Hã? Oh, ah... Eu não sei. Acho que não. Acho que ela já fez dezesseis anos, então, na verdade, meu aniversário provavelmente está mais próximo."

Eu podia ver as engrenagens girando em sua cabeça e imaginei que ela provavelmente juntaria as peças a qualquer segundo, então fiz o meu melhor para agir naturalmente. "Ah, você sabe, é aquela época do ano! Sim!" Eu concordei vigorosamente, como se isso fizesse todo sentido do mundo. Realmente não queria que ela fizesse mais perguntas.

Então a Nagafuji apareceu. Honestamente, a hora dela não poderia ser melhor.

"Ah! Encontrei a Hino!"

"Ah, oi!" Hino olhou para cima com um sorriso, seu nariz ainda úmido de caldo.

Nagafuji estava carregando um sanduíche da lanchonete da escola. Por que ela compraria comida lá e depois traria até aqui? Ah, certo. Porque a Hino está aqui. Para ser sincera, eu invejava a maneira como essas duas sempre pareciam instintivamente procurar uma pela outra, mesmo sem qualquer comunicação verbal direta.

"Ora, ora. Olha só quem chegou! Você está atrasada, minha querida Nagafuji-chan! Para onde você foi vagar?"

"Hmm..." Ignorando a pergunta de Hino, Nagafuji sentou-se ao lado dela na mesa, depois colocou uma mão em sua cabeça e afagou seus cabelos macios.

"O que foi, cara?!" Hino retrucou com uma voz afetada, como se estivesse fazendo referência a um filme ou algo assim.

"Você está maior agora."

"Como é que é?!"

"Bem, imaginei que a razão pela qual perdi você de vista é porque você ficou menor de alguma forma."

Evidentemente, ela realmente se perdeu. Revirando os olhos, Hino deu um tapa na cabeça de Nagafuji, produzindo um som agradável e arejado. Em seguida, as duas voltaram para a comida como se nada tivesse acontecido.

Elas são tão próximas... Não acho que eu conseguiria dar um tapa na Shimamura assim.

***

"Desculpa pelo atraso, Adatsy!" Hino chamou enquanto esperava por mim perto dos portões da escola. Eu realmente não sabia como reagir a isso. Pra falar a verdade, eu é que estava atrasada. Obviamente eu sabia que ela estava apenas brincando, mas não tinha certeza de como eu deveria brincar de volta. Ela ficou parada com a mão erguida em um aceno, esperando que eu respondesse, mas sem resposta.

"Desculpa, eu estava só pegando minha bicicleta, então, ah... não, você não está atrasada... Desculpa."

"Hmmm. Você é outra Shimamura — não sabe como brincar."

Enquanto parte de mim gostava de ser comparada à Shimamura, outra parte de mim não estava tão certa. Se a Shimamura fosse algo como eu, então eu provavelmente não teria me apaixonado por ela.

"Mas eu vou te dar alguns pontos de piedade, já que pelo menos você tentou pensar em algo."

"...Obrigada." Eu não conseguia dizer se ela estava sinceramente me elogiando ou apenas tentando me animar depois de eu ter cometido uma gafe, mas de qualquer maneira, eu aceitei por reflexo. Ah. "Onde está a Nagafuji?"

"Olha, camarada, eu não sou a mãe dela, tá legal? Não estamos grudadas no quadril nem nada," ela zombou.

Quer dizer, se fosse o caso, ela seria sua mãe — sabe, já que ela é mais alta. Mas não disse isso em voz alta. *Ah, ou elas poderiam ser irmãs... mas mesmo assim, a Nagafuji ainda seria a irmã mais velha.* Também não disse isso.

"Ela disse que está ocupada. Essas coisas acontecem, sabe, uma vez por ano e tal."

Ela só fica ocupada uma vez por ano? Está brincando? Na verdade, Hino provavelmente estava brincando. Mas caso não estivesse, isso faria com que Nagafuji fosse ainda mais um enigma do que a Shimamura.

"Tudo bem, vamos lá!"

Com as mãos no ar, Hino começou a saltitar pela rua. Era impressionante o quanto de energia ela tinha para gastar, considerando que era apenas mais um dia nublado de inverno.

"Você não quer uma carona?"

"Oh, sim, eu quero. Mas só quando estivermos um pouco longe da escola. Assim os professores não poderão gritar com a gente."

Shimamura sempre se referia, de brincadeira, à Hino e Nagafuji como mocinhas comportadas, mas agora fazia sentido. Ao contrário delas, Shimamura estava contente em subir na área de estacionamento de bicicletas. Eu pensei que a vida como delinquente deveria ser mais difícil, não mais fácil.

"O que foi?"

Olhei para cima e encontrei Hino olhando por cima do ombro para mim. "Ah, estava apenas pensando... Você é uma aluna modelo, não é?"

"Sim, eu sei. Eu sou muito incrível, não sou?" ela brincou, convencida. Assim que viramos a esquina, ela pulou na parte de trás da minha bicicleta e colocou as mãos nos meus ombros.

Foi assim que percebi que as mãos dela eram menores do que as da Shimamura.

***

Como era de se esperar numa tarde de semana, o estacionamento do shopping estava lotado de carros e bicicletas. Tanto é que tive dificuldade em encontrar um lugar para estacionar a minha. Se eu a apoiasse muito fortemente contra outra bicicleta, corria o risco de provocar uma catástrofe em efeito dominó sempre que eu ou outra pessoa precisasse retirar uma bicicleta. Já tinha experimentado isso várias vezes na escola pessoalmente.

Entramos pela entrada do primeiro andar, ao lado da loja de animais de estimação. Eu não tinha a menor ideia de para onde estávamos indo, então deixei Hino liderar. Naquele momento, ela estava ao telefone com alguém.

"Sim. Estou na área, então pensei em perguntar... Ok, claro. Quantos? Cinco? Entendi."

Com base em suas respostas, suspeitei que ela provavelmente estivesse falando com um membro da família. Tirei meu celular também. Em parte para poder fingir ter uma vida social, mas principalmente para verificar minha caixa de entrada em busca de e-mails. Nada. Ótimo. Shimamura quase nunca me enviava e-mails, e da última vez que ela o fez, foi para me perguntar sobre abdominais. *O que foi aquilo, afinal?* Ainda não entendi.

Passamos por um quiosque de confeitaria e depois por um quiosque de vinhos. Finalmente, a loja de chá apareceu à vista, situada em frente à padaria, no canto da interseção. As palavras "loja de chá" evocavam a cor verde, mas o interior da loja era principalmente marrom — prateleiras cheias de misturas de chá a granel embaladas em pequenos sacos marrons. Do lado de fora, a placa dizia Mikuniya Zangoro, quase como se fosse o nome de alguém.

"Amostras grátis!"

Quando entramos, um funcionário ao lado da entrada segurava uma bandeja forrada com pequenos copos de papel do tamanho do meu mindinho. Na mesma hora, peguei um. Dentro havia o equivalente a um gole de chá, então o engoli inteiro... e instantaneamente me arrependi. Minha língua ainda estava gelada por andar de bicicleta até aqui, e o líquido quente foi uma surpresa desagradável que minha língua não estava esperando. Meus olhos saltaram das órbitas.

Assim que consegui superar a sensação de queimação, meu cérebro começou a processar o sabor. "Amargo", comentei em voz alta, sem nenhum pingo de delicadeza.

O funcionário pegou meu copo vazio com um sorriso forçado, depois olhou para Hino. "Ótimo te ver de novo."

"Sim, sou eu!" ela respondeu, acenando casualmente. Ao contrário de mim, ela não foi incentivada a experimentar uma amostra grátis. Em vez disso, ela começou a vasculhar as prateleiras como se já tivesse feito isso uma dúzia de vezes antes.

"Você vem aqui com frequência?" perguntei.

"Eh... com frequência suficiente, eu acho. Minha família bebe bastante chá, se dá pra dizer assim," respondeu Hino vagamente.

Chá geralmente não era algo que eu iria buscar em uma loja especializada, então não pude deixar de me perguntar se a família dela era um bando de pessoas ricas esnobes — *ou será que eu era apenas inculta?* Ela pegou um cesto e o encheu com cinco sacos do mesmo chá de gengibre. Aparentemente, era isso que eles haviam pedido para ela comprar pelo telefone.

"Aposto que uma xícara disso te aqueceria rapidinho," comentei enquanto a observava. Pessoalmente, eu preferiria ficar ali em silêncio, mas me senti obrigada a fazer pelo menos uma tentativa simbólica de conversa fiada.

Hino pegou um dos saquinhos e acariciou o rótulo. "Isso ajuda a combater a sensibilidade ao frio... pelo menos é o que minha família diz."

"Você não bebe?"

"Não. Não tenho problemas de sensibilidade ao frio." Ela devolveu o saco à sua cesta. "Agora, onde estava mesmo...?"

Ela ficou olhando para uma prateleira de misturas de chá preto perto do caixa, depois deu uma olhada na prateleira de misturas de chá chinês ao lado. Sob cada prateleira, as misturas correspondentes estavam embaladas em latas pequenas, permitindo que os clientes cheirassem as folhas de chá antes da compra. Eu não sabia nada sobre variedades de chá, então de vez em quando eu simplesmente pegava uma lata aleatória e cheirava. Algumas tinham cheiro de menta, enquanto outras tinham cheiro adstringente. Mas como eu não era uma conhecedora de chá, não tinha como discernir o bom do ruim.

Enquanto isso, Hino cheirava cada lata em sequência. *Será que ela vai reconhecer pelo cheiro?* Decidi me sentar e deixá-la fazer o que precisava, então me virei e olhei para a passarela principal do shopping.

Eu podia ver uma pequena área de descanso com bancos situados ao redor de uma árvore decorativa gigante toda embrulhada com luzes de Natal. Cada lâmpada piscava em cores diferentes: vermelho, azul e amarelo, em sequência. Não chamava muita atenção ali à luz do dia, mas assim que o sol se pusesse, tenho certeza de que atrairia olhares. Seus galhos estavam cobertos com todo tipo de ornamentos brilhantes, como maçãs e estrelas. Eu lembrava vagamente de ter visto algo semelhante em um livro de imagens quando era pequena.

O Natal estava a caminho, e toda a cidade parecia vibrar de energia, com pessoas indo e vindo. Voltei-me para a loja e, em seguida, baixei a cabeça em silêncio.

Lá no fundo, eu sabia que não era normal duas garotas saírem juntas no Natal. Nem era normal eu ficar animada com essa possibilidade. Certamente, Shimamura não estava animada para o Natal. Para ela, provavelmente era apenas mais um evento mundano no calendário.

Havia uma diferença gritante entre meu nível de entusiasmo e o dela. A questão era: *eu queria que ela percebesse isso?* Se não quisesse, então provavelmente não agiria assim, então acho que talvez eu quisesse. *Mas e se essa percepção a afastasse ainda mais de mim?* O pensamento me aterrorizava.

Isso era a experiência de ter uma paixão, em resumo.

"Eu tenho uma pergunta para você, Adatsy-kun."

Às pressas, olhei para cima. Hino estava olhando por cima do ombro para mim enquanto estendia a mão para pegar um pacote de chá na prateleira.

"O que foi?" Eu perguntei.

"Você vai ficar brava comigo se eu disser que é esse e depois descobrir que não é?"

"Não? Eu não guardaria isso contra você."

"Ok, legal, porque provavelmente é esse."

Ela pegou o pacote e me entregou. Evidentemente, ela tinha encontrado muito mais facilmente do que eu esperava. O rótulo dizia "Lenda da África". Não exatamente a primeira coisa que eu pensaria quando pensasse na Shimamura, mas tudo bem. *Isso é chá preto? Da África? A África tem chá mesmo?* Acho que tem.

"Quer pagar tudo junto?" Hino perguntou, indicando sua cesta. Eu assenti e coloquei o chá africano com os outros saquinhos dela.

Depois de pagar pelas nossas coisas, Hino apontou para uma cafeteria bem ali perto. A loja estava praticamente vazia de clientes, e a placa na frente anunciando sorvete soft estava praticamente sendo ignorada pelas pessoas que passavam.

"Quer tomar alguma coisa e relaxar?"

"Claro... talvez só por um tempo."

Eu queria retribuir por ela ter me acompanhado, então caminhamos alguns passos até a cafeteria vazia.

"Eu pago", declarei, dando um passo à frente e levantando minha carteira no ar.

Seus olhos se arregalaram. "Por quê?"

"Para te agradecer... por... ter vindo comigo."

"Aha! Agora entendo por que a Shimamura gosta de você!"

Foi um elogio bastante direto, e um que fiquei feliz em aceitar.

Quando nosso café ficou pronto, escolhemos um lugar para sentar... e foi aí que notei as cadeiras. Elas me lembravam o tipo de coisa que você veria em uma aula de marcenaria do ensino fundamental — grosseiras, sem polimento e quase inteiramente feitas de madeira. *Seriam elas de segunda mão?* Tinham cheiro de serragem.

Eu recostei no encosto e ele rangeu como se estivesse mal fixado.

"Está meio frio aqui, né? Minhas pernas estão congelando!" exclamou Hino, arrastando os pés no chão enquanto envolvia seus dedos ao redor do café.

De fato, o calor do aquecedor da loja parecia não alcançar nossas pernas expostas, onde o frio do inverno parecia ter encontrado moradia permanente. Talvez a maior ameaça ao sucesso da loja estivesse ali, debaixo das mesas.

Eu já tinha me queimado uma vez — literalmente —, então tomei meu tempo com a bebida, soprando entre pequenos goles. Mas mesmo que eu fosse o tipo de pessoa que pudesse tomar bebidas quentes de uma vez só, imagino que ainda assim teria pausado para soprar. Assim, teria uma desculpa para meu silêncio.

Nesse momento, Hino apontou para mim. "Aposto que você se sente desconfortável porque não temos nada sobre o que conversar, né?"

Parecia que ela tinha lido meus pensamentos. No início, fiquei impressionada, mas então percebi que devia ter sido óbvio. Respondi com um sorriso tenso, ao qual ela retribuiu com um sorriso sincero e inocente. Talvez isso, mais do que qualquer outra coisa, revelasse sua verdadeira natureza como ser humano.

“Honestamente, é assim também com a Nagafuji. Mas com ela, é ainda mais estranho quando ela fala-”

Ela congelou, com a boca entreaberta, e lentamente inclinou a cabeça para a direita, olhando por cima de mim para a passarela principal fora da loja. Seguindo o seu olhar, olhei por cima do meu ombro, e meus olhos se arregalaram tanto que quase saltaram para fora da minha cabeça.

Shimamura e Nagafuji estavam andando lado a lado, com Shimamura carinhosamente apoiando a mão no ombro de Nagafuji.

Reflexivamente, trocamos olhares.

“Oh ho… Então é por isso que ela estava ‘ocupada’, né…?”

Ela assentiu rigidamente consigo mesma, então colocou o queixo nas mãos e me olhou. De alguma forma, pude sentir compaixão em seu olhar. Quanto a Shimamura e Nagafuji, continuaram a andar sem nunca nos notar; eu as observei até desaparecerem de vista. Meus olhos doíam, provavelmente porque eu tinha esquecido de piscar. Até minhas pálpebras pareciam dormentes.

“Ela te disse que ia sair com ela?”

Com “ela”, Hino provavelmente se referia a Shimamura. Silenciosamente, balancei a cabeça.

Na verdade, isso me deixou realmente perturbada... *mas por quê? Não era permitido que Shimamura saísse para fazer compras com uma amiga*? Claro que sim. Mas... algo nisso me tirou completamente o espírito natalino, e o buraco que deixou para trás era palpável, como um bloco faltando em um jogo de Jenga. Foi embora meu senso de segurança; agora tudo o que restava era ansiedade e pânico. Meus olhos estavam secos. Sim... definitivamente estava esquecendo de piscar.

“Oh, caramba,” resmungou Hino. Ela se inclinou para frente e me deu um tapinha no ombro. “O que eu vou fazer com você, guria?”

“...Hã? O que você quer dizer com isso?” Eu a olhei, confusa. Ela me sacudiu tão forte que vi estrelas.

“Quer seguir elas?” Hino sugeriu, meio brincando, mas também meio séria.

Sem pensar, abri a boca largamente — mas nenhuma palavra saiu. Meus lábios se abriram e fecharam como um peixe fora d'água. Então, finalmente, meu cérebro respondeu ao meu corpo. A menininha dentro de mim estava me dizendo para ir... o que significava que provavelmente era a coisa errada a fazer.

“Nah, vamos deixar pra lá. Elas estão... sabe... ocupadas.”

Conseguia ouvir o sarcasmo na minha voz. Em silêncio, me xinguei. Shimamura tinha permissão para sair com outras pessoas — na verdade, o tempo que ela passava comigo era a exceção, não a regra —, *então por que isso me corroía desse jeito?* No momento, o que eu mais queria não era segui-las, mas correr até lá e me juntar a elas.

Hino parecia lidar melhor com a situação do que eu, mas lá no fundo, talvez ela sentisse o mesmo — como se alguém tivesse acabado de lançar um holofote sobre nossa inferioridade.

“Oh, Adatsy, você é tão boazinha,” ela provocou, sorrindo levemente.

Eu ainda não tinha realmente agradecido por toda a ajuda dela hoje, mas agora, em mais de um sentido, parecia que eu tinha deixado uma oportunidade valiosa escapar.

Depois desse incidente, tomamos nossas bebidas o mais rápido possível e, então, saímos do shopping de forma um tanto desajeitada.

Hino caminhou comigo de volta para a área de estacionamento das bicicletas?

Honestamente, eu não me lembro.

***

Eu estava sentada com um dedo pairando sobre a tela do meu celular, balançando para frente e para trás.

"Por que você estava com a Nagafuji agora há pouco?"

Não, isso soava muito agressivo. Especialmente a parte do "por que". Quanto mais diretamente eu perguntava, mais parecia transparecer a raiva.

Com um pouco de introspecção, parecia que eu estava com ciúmes.

Shimamura estava apenas se divertindo inocentemente com sua amiga, mas aqui estou eu, agindo como se tivesse sido traída. Ela não havia feito nada que justificasse esse tipo de interrogatório. Eu estava magoada por nada. Eu sabia disso. Mas ainda assim, estava magoada.

Eu estava morrendo de vontade de perguntar a ela sobre o que aconteceu, mas não conseguia decidir se tinha o direito de perguntar. *Será que realmente era da minha conta?*

Do ponto de vista dela, eu basicamente tinha feito a mesma coisa — saí com Hino sem a permissão dela. Bem, talvez seja uma maneira estranha de dizer. Às escondidas, eu acho. Mas mesmo que ela descobrisse, provavelmente não se importaria. Eu conseguia me imaginar contando a ela, só para ela responder "nossa, que estranho" — fim da conversa. E se era assim que ela encarava, então eu precisava encarar da mesma maneira... *precisava mesmo?*

O que eu sou para a Shimamura, afinal?

Essa pergunta ajudou a conter minhas emoções desenfreadas, impedindo com sucesso que eu explodisse no calor do momento. Em vez disso, larguei meu celular e desabei na minha cama. Meu cabelo ainda estava molhado do banho que tomei mais cedo, mas eu não estava com vontade de levantar.

Estendi a mão e peguei duas coisas: meu travesseiro e o pequeno saquinho marrom de chá africano. O funcionário do balcão o embrulhou gentilmente para mim — acho que a Hino pediu pra ele fazer isso. Fiquei olhando para ele sem expressão até que a inquietação no meu peito se derreteu em um mar de anseio fervente.

Eu era apenas uma amiga para ela. Nada mais, nada menos. Eu precisava lembrar disso.

Em algum momento, eu havia me iludido pensando que eu era a única pessoa na vida dela, mas isso simplesmente não era verdade, e eu não tinha o direito de ficar chateada por estar errada sobre isso. Não importa o quão intensos fossem meus sentimentos, eles só seriam unilaterais.

"Eu lamento por tudo."

Essas brasas queimaram no meu peito o dia todo. Pedaço por pedaço, eu as esmagava entre os dentes até que minha boca estivesse cheia de cinzas amargas e pastosas. Eu odiava o sabor, mas sabia que não conseguiria dormir até que o trabalho estivesse feito.

Depois de engolir o último resquício da sujeira, era hora de limpar a lousa e começar de novo.

Independentemente do tipo de relacionamento que eu queria com a Shimamura, o fato permanecia que ela e eu éramos apenas amigas comuns. Com isso em mente, eu queria que nosso vínculo se fortalecesse. Para isso, tudo que eu realmente podia fazer era levar um dia de cada vez. Um feriado de cada vez.

Mas havia uma coisa que eu precisava manter em mente: Quanto mais próximas ficássemos, mais facilmente ela sentiria meu calor. E eu não podia deixá-la mergulhar a mão nesse fogo — eu precisava controlar a intensidade, para que ela não se queimasse.

Então, o que eu queria que ela sentisse de mim no Dia de Natal? Amor? Romance? Não, não, não! Por que eu sempre voltava a isso?

A resposta correta, é claro, era afeto.

Meu coração estava cheio desse magma vermelho-quente. *Viria algum dia em que ela apreciaria seu calor?*

"Shimamura..."

Murmurei o nome dela, e meu peito queimou o suficiente para me manter aquecida até que este longo e frio inverno chegasse ao fim.